

SOCIEDADE DE CULTURA ARTÍSTICA

TEMPORADA 1995

Orquestra de Câmara de Praga

Abril 04 (Série Branca)

Abril 05 (Série Azul)

Abril 06 (Série Verde)

Os Virtuoses de Moscou

Maio 09 (Série Branca)

Maio 10 (Série Azul)

Orquestra "Sächsische Staatskapelle" Dresden

Junho 19 (Série Branca)

Junho 20 (Série Azul)

Junho 21 (Série Verde)

Cecilia Bartoli

Julho 28 (Série Branca)

Julho 30 (Série Azul)

Jordi Savall e Hesperion XX

Agosto 07 (Série Branca)

Agosto 08 (Série Azul)

Agosto 09 (Série Verde)

Midori

Agosto 23 (Série Branca)

Agosto 24 (Série Azul)

Tokyo String Quartet

Setembro 12 (Série Branca)

Setembro 13 (Série Azul)

Orquestra "Staatskapelle" de Berlim

Setembro 21 (Série Branca)

Setembro 22 (Série Azul)

Antonio Meneses e Ricardo Castro

Outubro 09 (Série Branca)

Outubro 10 (Série Azul)

Outubro 11 (Série Verde)

Orquestra Sinfônica da Rádio da Baviera

Novembro 06 (Série Branca)

Novembro 07 (Série Azul)

Novembro 08 (Série Verde)

ITAMARATI,
UM BANCO QUE INVESTE TAMBÉM
NESTAS NOTAS.



SOCIEDADE DE
CULTURA
ARTÍSTICA

Apresenta

ORQUESTRA
“SÄCHSISCHE STAATSKAPELLE” DRESDEN

Regente:


SIR COLIN DAVIS

Promoção



Patrocínio



 **BANCO ITAMARATI**

 **IOCHPE-MAXION**

 **Votorantim**

"APOIO DA LEI 8313/91 - PRONAC/MECENATO/MINC"

“SÄCHSISCHE STAATSKAPELLE” DRESDEN



Uma das mais antigas e tradicionais orquestras do mundo, a Staatskapelle de Dresden foi fundada em 1548. Destinada primeiramente a ser um conjunto da Corte sob a forma dos **Hofkantorei**, adquiriu ao longo dos séculos o respeito internacional que a coloca hoje entre as orquestras de primeira linha. Esta transformação é fruto do importante trabalho realizado pelos homens que a dirigiram desde a sua criação, entre eles estão: Johann Walter, Heinrich Schütz, Johann Adolf Hasse, Carl Maria von Weber, Richard Wagner, Ernst von Schuch, Fritz Busch, Karl Böhm, Joseph Keilberth Rudolf Kempe, Franz Konwitschny, Otmar Suitner, Kurt Sanderling, Herbert Blomstedt e Hans Vonk. Giuseppe Sinopoli foi nomeado seu Titular no início da temporada 1992/93. Por mais de sessenta anos a Staatskapelle de Dresden manteve estreito relacionamento artístico e afetivo com Richard Strauss, tanto na sua qualidade de regente como na de compositor. A reputação internacional da Orquestra de Dresden deve-se às suas duas atividades, a saber a operística e a dos concertos sinfônicos. A lírica teve início em 1627, data da criação de **Daphne** de Heinrich Schütz, primeira ópera alemã. São inúmeras as óperas dos séculos XIX e XX cujas estréias mundiais aconteceram em Dresden, entre as quais caberia citar: **Rienzi**, **Der Fliegende Holländer** e **Tannhäuser** de Richard Wagner; **Salomé**, **Elektra**, **Der Rosenkavalier**, **Arabella** e **Die Schweigsame Frau** de Richard Strauss; obras de Paul Hindemith, Ferruccio Busoni, Kurt Weill, Rudolf Wagner-Régeny, Boris Blacher, Siegfried Matthus e Udo Zimmermann também fazem parte do repertório da orquestra. Inteiramente destruída durante a guerra, a Semperoper foi totalmente reconstruída de acordo com as plantas originais e, desde 1985, acolhe todas as apresentações da orquestra de Dresden, cujo repertório vai de Gluck e Mozart aos clássicos do século XX.

Documentos de época afirmam que as primeiras assinaturas para os concertos datam de 1858, se bem que já em 1854 a orquestra desenvolvesse intensa atividade camerística. Os programas englobam toda a

literatura musical existente a partir do século passado, incluindo várias estréias mundiais e primeiras apresentações que comprovam o interesse particular da orquestra alemã pela música contemporânea. Boa parte das atividades da Dresden é dedicada às gravações. Entre os regentes que lá estiveram expressamente para dirigi-la em gravações de óperas e concertos caberia citar as presenças de Karajan, Carlos Kleiber, Eugen Jochum, Wolfgang Sawallisch, Marek Janowski, Sir Neville Marriner, Sir Colin Davis, Jeffrey Tate, Peter Schreier, Nikolaus Harnoncourt, James Levine, Giuseppe Sinopoli, Bernard Haitink e Seiji Ozawa.

Interessantes são os comentários de personalidades, do universo musical ou não, a respeito da Staatskapelle de Dresden. Por exemplo, Jean Jacques Rousseau escreveu que o “melhor e mais perfeito conjunto é a orquestra da ópera do Rei da Polônia em Dresden regida pelo célebre Hasse”. Em seu diário Beethoven referiu-se a ela: “existem um consenso geral no que diz respeito à orquestra da corte de Dresden: é a melhor da Europa”. Já Wagner a qualificou como “uma harpa mágica”. Enquanto Strauss, a considerava como a “melhor orquestra para ópera do mundo”. Todos estes comentários e qualificativos são sempre comprovados a cada apresentação da orquestra tanto na própria Alemanha como durante suas tournées. Estas a tem levado freqüentemente a diversos países europeus, aos Estados Unidos e ao Japão, bem como aos importantes Festivais de Viena, Salzburgo, Praga, Lucerna, Lausanne, Budapeste, Osaka, Edimburgo, Granada, Veneza e Flandres.

A adaptação estilística da Staatskapelle de Dresden a cada compositor, além de seu excelente nível técnico e do compromisso musical de seus integrantes para com a orquestra, tem despertado o grande entusiasmo, tanto da crítica quanto do público em geral. Contudo o que mais impressiona neste conjunto é a tradição herdada através de inúmeras gerações de intérpretes e que se transmite pela sua sonoridade homogênea e transparente.



.....
EM HARMONIA COM O MELHOR
DA MÚSICA ERUDITA.
.....

SÄCHSISCHE STAATSKAPELLE DRESDEN

Regente: **SIR COLIN DAVIS**

Primeiros Violinos

Peter Glatte
Prof. Peter Mirring
Roland Straumer
Kai Vogler
Michael Eckoldt
Wolfram Just
Thomas Meinig
Jorg Fassmann
Michael Frenzel
Christian Uhlig
Johannes Muck
Wolfgang Bülow
Günter Menzel
Siegfried Büchel
Wilma Sattler
Volker Dietzsch
Reinhard Krauss
Brigitte Gabsch
Johanna Mittag
Jorg Kettmann
Susanne Scholz
Barbara Fritzsich
Rudolf Dressler
Birgit Jahn
Martina Uhlig
Gustav Sandner

Segundos Violinos

Horst Titscher
Heinz-Dieter Richter
Frank Other
Matthias Meissner
Annette Thiem
Siegfried Pfeiffer
Reinhold Mach
Christian Goldammer
Wolfgang Roth
Günter Friedrich
Stephan Drechsel
Jens Metzner
Ulrike Scobel
Olaf-Torsten Spies
Alexander Ernst
Beate Haubold
Mechthild von Ryssel
Antje Lohr
Prof. Reinhard Ulbricht
Horst Zimmer

Violas

Joachim Ulbricht
Prof. Joachim Zindler
Sebastian Herberg
Peter Schikora
Michael Neuhaus
Wilfried Hartung
Günter Jahn
Klaus Heinze
Matthias Neubert
Jürgen Knauer
Winfried Berger
Michael Schone
Uwe Jahn
Andreas Schreiber
Stephan Pätzold
Ulrich Milatz

Violoncelos

Jan Vogler
Peter Bruns
Friedwart-Christian
Dittmann
Tom Hohnerbach
Robert Witt
Friedrich Milatz
Karl Eulitz
Linhardt Schneider
Andreas Priebst
Bernward Gruner
Martin Jungnickel
Johann-Christoph Schulze

Contrabaixos

Reiner Barchmann
Werner Zeibig
Andreas Wylezol
Bernd Haubold
Christian Rolle
Jürgen Schmidt
Helmut Branny
Christoph Bechstein
Fred Weiche
Reimund Püschel
Thomas Grosche

Flautas

Prof. Johannes Walter
Prof. Arndt Schone
Prof. Eckart Haupt

Wilfried Gartner
Cordula Bräuer
Ulrich Philipp

Oboés

Wolfgang Holzhäuser
Andreas Lorenz
Bernd Schober
Bernhard Mühlbach
Wolfgang Klier
Manfred Krause
Peter Thieme

Clarinetes

Manfred Weise
Joachim Mäder
Dietmar Hedrich
Egbert Esterl
Theodor Schier
Rolf Schindler
Günther Scherel

Fagotes

Wolfgang Liebscher
Günter Klier
Erik Reike
Horst Wiedner
Thomas Berndt
Bernhard Rose
Andreas Bortitz

Trompas

Prof. Peter Damm
Prof. Istvan Vincze
Erich Markwart
Klaus Pietzonka
Andreas Langosch
Hartmut Schergaut
Dieter Pansa
Holger Steinert
Dante Yenque
Eberhard Kaiser
Manfred Riedl

Trompetes

Kurt Sandau
Peter Lohse
Volker Stegmann

Siegfried Schneider
Heinz Heinisch
Bernd Hengst
Gerd Graner

Trombones

Manfred Zeumer
Gerhard Essbach
Uwe Voigt
Guido Ulfig
Jürgen Umbreit
Prof. Hans Hombsch
Lars Zobel

Tubas

Klaus Schweter
Hans-Werner Liemen

Tímpanos

Bernhard Schmidt
Thomas Köppler

Percussão

Siegfried Harzer
Frank Behsing
Jürgen May
Stefan Seidl
Dirk Reinhold

Harpas

Vicky Müller
Astrid von Brück

Técnicos

Hansjochen Gopel
Frank Müller
Peter Prochnow
Steffen Tietz

Supervisora

Ria Sonntag

Secretaria

Angela Schulze

*Assistente de Produção da
Tournée*
Jorge Pérez

Regente Titular

Giuseppe Sinopoli

Diretor Emérito

Sir Colin Davis

Diretor Administrativo

Wolfgang Bülow

Gerente

Eberhard Steindorf

Inspetor

Jorg Heyne

Conselho de Administração

Frank Other

Guido Ulfig

Heinz-Dieter Richter

Erik Reike

Andreas Wylezol

SIR COLIN DAVIS

Considerado como um dos mais importantes regentes europeus da atualidade, Sir Colin Davis irá reger e gravar junto a diversos conjuntos sinfônicos ao longo da presente temporada musical, incluindo a Staatskapelle de Dresden, da qual é Diretor Honorário; a London Symphony da qual é o principal Regente Convidado e para a qual foi nomeado Titular a partir do mês de setembro; a New York Philharmonic e a Bayerische Rundfunk. Pontos de destaque da temporada passada incluíram a nova montagem de **“Don Giovanni”** para a Ópera da Baviera e a versão para concerto de **“Idomeneo”** com o coro e a orquestra da London Symphony. Por outro lado, Sir Colin Davis foi responsável pelo concerto de comemoração do

90º aniversário de Sir Michael Tippett, com a estréia mundial do **“The Rose Lake”**, última obra deste compositor, em fevereiro deste ano.

A discografia do maestro britânico é das mais respeitáveis, tendo gravado assiduamente tanto para a Philips quanto para a BMG, com as quais tem projetos futuros. Entre estes estão **“Fidelio”** com a Bayerische Rundfunk e várias gravações ao vivo em Munich, incluindo o **Concerto para violino** de Brahms com Kyoko Takesawa e a **Sinfonia nº 8** de Mahler.

Este ano Colin Davis irá terminar o ciclo integral das sinfonias de Sibelius com a London Symphony; por outro lado a gravadora BMG deverá editar **“Lohengrin”** com a Bayerische Rundfunk e Ben Heppner, Sergei Leiferkus, Bryn Terfel, Eva Marton e Sharon Sweet. Ainda junto a esta última orquestra, foram recentemente lançados o **Requiem Alemão** de Brahms, a **Missa Solene** e a **Fantasia Coral** de Beethoven com Gerhard Oppitz, em vídeo, CD e disco laser. Os lançamentos da temporada passada, 1993/94, incluíram o **Concerto para violino** de Elgar com Kyoko Takesawa e a Bayerische Rundfunk, e os **concerto para piano** de Mozart com Alicia de Larrocha e a English Chamber Orchestra; por outro lado Sir Colin Davis terminou a gravação do ciclo das sinfonias de Beethoven com a Dresden para o selo Philips. A Sinfonia nº 3 de Beethoven, **“Hansel und Gretel”** de Humperdinck bem como as sinfonias de nºs 30 a 33 de Mozart foram gravadas em 93. No início de 94 foram lançados os concertos para clarineta de Mozart, Weber e Spohr com a Staatskapelle de Dresden, e neste ano será a vez da Sexta de Beethoven com a mesma orquestra e de **“Romeu e Julieta”** de Berlioz com



a Filarmônica de Viena. As gravações realizadas pelo selo Philips receberam várias indicações e prêmios internacionais, especialmente no caso do ciclo completo da obra de Berlioz.

A importante atuação de Sir Colin Davis na área operística, com sua apreciadíssima versão de **“Os Troianos”** de Berlioz com a London Symphony e a **“Danação de Fausto”** do mesmo compositor junto à Royal Opera House Covent Garden lhe valeu o **Evening Standard Award** em 1993. Outras renomadas condecorações internacionais foram concedidas ao maestro inglês pelo seu desempenho dentro da música como um todo: em 1992 recebeu o **Bayerischen Verdiesntorden** na Alemanha, of **Freedom of the City** de Londres e o **Order of Lion** da Finlândia; em 1980 foi nomeado **Commander of the British Empire**; em 1976 **Commendatore de la República de Itália**; em 1987 **Commander's Cross of the Order of Merit** na Alemanha; em 1990 **Commandeur dans l'Ordre des Arts et des Lettres** na França; país que também o condecorou com a **Légion d'Honneur**.

Sir Colin Davis foi Diretor Musical da Royal Opera House Covent Garden de 1971 a 1986. A estes quinze anos seguiram-se outros seis à frente da Sadler's Wells Opera, atualmente chamada English National Opera. Por outro lado, de 1972 a 1984 ocupou o posto de Primeiro Regente Convidado junto à Sinfônica de Boston, e de 1984 a 1992 foi Titular e Diretor Artístico da Bayerische Rundfunk.

SEGUNDA-FEIRA, 19 DE JUNHO ÀS 21:00 HORAS

RICHARD STRAUSS

(1864-1949)

Don Juan, Op 20

Poema sinfônico baseado em N. Lenau

FRANZ SCHUBERT

(1797-1828)

**Sinfonia nº 8 em si menor,
"Inacabada", D.759**

Allegro moderato

Andante con moto

I N T E R V A L O

JOHANNES BRAHMS

(1833-1897)

Sinfonia nº 1 e dó menor, Opus 68

Poco sostenuto. Allegro

Andante sostenuto

Un poco allegretto e grazioso

Adagio. Più Andante. Allegro non

troppo ma con brio. Più allegro.

TERÇA-FEIRA, 20 DE JUNHO ÀS 21:00 HORAS

WOLFGANG AMADEUS MOZART

(1756-1791)

"IDOMENEO, RÈ DI CRETA",

Abertura K.367

WOLFGANG AMADEUS MOZART

**Concerto em dó maior para flauta,
harpa e orquestra, K 299**

Allegro

Andante

Allegro final

Solistas: **Eckart Haupt - flauta**

Astrid von Brück - harpa

I N T E R V A L O

ANTONIN DVORAK

(1841-1904)

Sinfonia nº 9 em mi menor,

"Do Novo Mundo", Opus 95

Adagio - Allegro molto

Largo

Scherzo - Molto vivace

Allegro con fuoco

QUARTA-FEIRA, 21 DE JUNHO ÀS 21:00 HORAS

LUDWIG VAN BEETHOVEN
(1770-1827)

**“PROMETHEUS”, Abertura em
dó maior, Opus 43**

LUDWIG VAN BEETHOVEN

**Sinfonia nº 6 em fá maior,
“Pastoral”, Opus 68**

Allegro ma non troppo
Andante molto mosso
Allegro
Allegro
Allegretto

INTERVALO

LUDWIG VAN BEETHOVEN

Sinfonia nº 7 em lá maior, Opus 92

Poco sostenuto - Vivace
Allegretto
Presto
Allegro con brio

PRÓXIMAS APRESENTAÇÕES:

CECÍLIA BARTOLI - Mezzo-soprano

STEVEN BLIER - Piano

25, 28, 30 de julho e 1º de agosto

Richard Strauss (1864-1949) - Don Juan, Opus 20

Quando escreveu o poema sinfônico Don Juan, baseado no fragmento dramático do poeta romântico Nikolaus Lenau, Richard Strauss tinha apenas 24 anos. Expressava-se através de um gênero herdado dos primeiros compositores românticos - Liszt compusera um considerável número de poemas sinfônicos em meados do século XIX -, que ele soube genialmente revitalizar. Para Strauss, o poema sinfônico, enquanto música inspirada por algum dado extra-musical, deveria sugerir sonoramente uma narrativa. Entretanto, sua estrutura deveria ser lógica e solidamente estabelecida, a fim de que a obra pudesse ser ouvida como música "pura". Assim, o arcabouço formal de Don Juan é de uma sonata (Exposição-Desenvolvimento-Recapitulação-Coda), com dois grandes episódios independentes incrustados no Desenvolvimento. A partitura de Don Juan, concluída em 1888 e concebida em uma luxuriante orquestração, trazia três citações de Lenau, nas quais o próprio herói extravazava a sua filosofia de vida. Ali falava da sua atração irresistível pelo feminino e fazia o elogio da experiência momentânea; confessava sentir um amor diferente em relação a cada objeto amado, ao mesmo tempo em que via o amor físico como uma forma de renascimento; e vangloriava-se de não se entregar à depressão e sim à certeza do seu renovado vigor. A figura de Don Juan é simbolizada pelos materiais temáticos mostrados no início do poema sinfônico, de extraordinária riqueza. Esse retrato, traçado com notável verve e virtuosidade orquestral, é entrecortado por dois episódios de caráter lírico que representam suas conquistas amorosas. Depois do segundo episódio lírico, um triunfante tema ligado ao herói confirma a nova conquista. Depois de recapitulados os principais motivos e após um dramático hiato, a atmosfera muda. No sombrio epílogo a nota dissonante do trompete indica que Don Juan se entregou à espada do adversário, encontrando a morte.

Franz Schubert (1797-1828) - Sinfonia nº 8 em Si Menor - "Inacabada"

Até hoje não se sabe ao certo porque a Oitava Sinfonia de Schubert nos chegou inacabada. Há quem considere que, diante da originalidade, perfeição formal e tom expressivo de seus dois primeiros movimentos, o próprio autor ter-se-ia sentido impossibilitado de escrever os outros movimentos restantes. Há também quem lembre que Schubert deixou dezenas de partituras inacabadas, pois ele vivia a "jorrar" música, passando a escrever o que lhe vinha à mente e com frequência abandonando muitas obras ainda em andamento. Igualmente, há quem defenda a idéia de que o músico simplesmente se esqueceu da sinfonia, guardada em uma gaveta. Seja como for, ela não foi, como quer a lenda, deixada inacabada devido à morte do autor: ela data de 1822, de seis anos antes do trágico desenlace, portanto. Redescoberta apenas 40 anos após a morte de

Schubert, a sinfonia em Si Menor foi ouvida pela primeira vez em 1865.

O **Allegro moderato** inicial abre-se de maneira incomum, com uma espécie de murmúrio a cargo das cordas graves, seguido de uma persistente figura dos violinos. Só então aparece, nos sopros, o tema principal do movimento, de um lirismo inteiramente novo, que os violinos acompanham com certa agitação. É exposto depois o segundo tema, terno e algo dançante, que alguns consideram uma das mais felizes invenções melódicas do autor. A Exposição é repetida e o Desenvolvimento se faz ouvir, em tons especialmente dramáticos. Vem, então a Recapitulação, que arredonda simetricamente a forma-sonata. O motivo murmurado do início do movimento serve de nobre coda a ele. O **Andante con moto** que se segue, de atmosferas que vão do solene ao sonhador, também vive da requintada exposição de dois motivos principais. O primeiro deles, de aparência serena, é exibido pelos violinos; o outro, marcadamente melancólico, mostra-se através de clarinetas e cordas. Apesar de estar na tonalidade de mi maior, esse movimento em forma-sonata sem Desenvolvimento comporta surpreendentes modulações.

Johannes Brahms (1833-1897) - Sinfonia nº 1 em Dó Menor, Opus 68

Estreada em 1876, quando o compositor tinha 43 anos, a Primeira Sinfonia, entretanto, já ocupava a imaginação de Brahms desde 1854. Ouvindo atrás de si, segundo suas próprias palavras, os passos gigante de Beethoven, nada mais natural que sua composição demorasse tanto. Brahms desejava partir do modelo beethoveniano e, sem se dobrar servilmente a ele, redimensioná-lo. Foi o que ele fez; e de uma maneira tão peculiar que a primeira sinfonia foi logo chamada, um tanto impropriamente, de a Décima de Beethoven. Raras vezes, antes ou depois, dramaticidade e lirismo foram tão organicamente unidos em um discurso sinfônico como aqui.

A Sinfonia em Dó Menor, como as demais sinfonias do autor, obedece ao recorte clássico no tocante ao número de movimentos e às linhas gerais do partido composicional tomado pelo plano da escritura. O que é efetivamente novo em sua abordagem é, antes de tudo, o caráter expressivo inédito emprestado às formas tradicionais. Essa fonte de originalidade se espelha igualmente no próprio interior dos movimentos agenciados, com frequência tratados de maneira não convencional, assimétrica. Assim, dentro do quadro fixo da tradição, Brahms soube como poucos outros movimentar-se como um artista livre.

O movimento inicial da Primeira Sinfonia (**Um poco sostenuto - Allegro - Meno allegro**) é aberto por uma introdução espantosa e germinal. O amplo **Allegro** de sonata que vem em seguida baseia-se fundamentalmente nos motivos nela mostrados, trabalhados e retrabalhados de maneira concentrada. O segundo movimento (**Allegro sostenuto**) concretiza

um novo gênero de lirismo de um contido tom romântico, no qual o tecido sonoro tende a se rarefazer, em solos de oboé e de violino. O terceiro movimento (Un poco allegretto e grazioso) possui uma atmosfera pastoral que o aproxima mais de um Intermezzo que de um Scherzo. O finale (**Adagio - Più Andante - Allegro non troppo ma con brio - Più Allegro**), o mais rico e complexo da obra, interliga as várias seções em uma espécie de genial metáfora sonora do caminhar das trevas a luz.

W. A. Mozart (1756-1791)

Abertura do Idomeneo, rè di Creta, K.367
Concerto em Dó Maior para Flauta, Harpa e Orquestra, K.299

Idomeneo rè di Creta nasceu de uma encomenda feita a Mozart para ser apresentada na temporada do carnaval de Munique de 1781. O assunto de seu libreto, já utilizado por outros compositores, parte da seguinte situação dramática: voltando da guerra de Tróia, o rei Idomeneo enfrenta uma violenta tempestade marítima; faz um voto ao deus do mar, prometendo-lhe que, se saísse salvo, sacrificaria a ele o primeiro ser humano que encontrasse, ao desembarcar; em terra, o primeiro a avistar é seu próprio filho, Idamante. O gênero "ópera séria" ao qual pertence Idomeneo encontrava-se em franca decadência quanto Mozart o revisitou. Nela, o recitativo acompanhado é empregado de maneira nova e em todos os momentos o compositor se mostra mestre da forma dramática e do movimento. A Abertura reflete esse novo espírito na sua beleza linear superposta a uma figuração atraente de notas repetidas, sublinhada do começo ao fim pelas trompas e pelos tímpanos. A riqueza de sua orquestração pode ser explicada pelo fato de que, na estréia do espetáculo, Mozart tinha à sua disposição um dos melhores grupos instrumentais da época.

O Concerto para Flauta, Harpa e Orquestra foi escrito em 1778, em Paris. Apesar dessa temporada parisiense não ter sido das melhores para Mozart, a posteridade ficaria devendo a ela a existência dessa obra cativante. Esse concerto duplo nasceu de uma encomenda feita por um nobre flautista diletante, que tinha uma filha harpista. Curiosamente, Mozart não gostava de nenhum desses instrumentos, mas escreveu para eles música deliciosa do primeiro ao último compasso. Seu **Allegro** inicial tem uma notável profusão de temas que a orquestra e os solistas se divertem em exibir e ornamentar. O **Andante** em fá maior que vem depois é uma sonhadora página pastoral em que flauta e harpa dialogam sutilmente. O **Allegro final**, um Rondó, é um cintilante e bastante francês movimento, escrito com espantosa liberdade.

Antonin Dvorak (1841-1904) - Sinfonia nº 9, em Mi Menor, Opus 95 - "Do Novo Mundo"

Quando esteve no Estados Unidos, no início da última década do século passado, para dirigir o Conservatório

de Nova York, Dvorak sentiu-se particularmente atraído pela música local - sobretudo a dos negros e a dos índios. Apesar de jamais vir a conhecer profundamente essas manifestações - ele não era etnomusicólogo -, chegou a apreciar muitos exemplos do gênero **spiritual**, com o auxílio de um aluno negro. Não obstante o forte interesse despertado por essa música no compositor, não se pode afirmar que sua própria obra acabasse por ser influenciada por esses novos materiais. Desde sempre voltado para o folclore da Boêmia dos tchecos e eslovacos, jamais o abandonaria em favor de outro. O que existiu, isso sim, foi uma espécie de "afinidade espiritual" entre sua sensibilidade e a música folclórica do país novo que o recebia.

A Sinfonia "Do Novo Mundo", iniciada nas últimas semanas de 1892 e concluída no ano seguinte, é obra marcadamente tcheca, apesar de, aqui e ali, fazer referências ao universo sonoro da música folclórica americana. Essa que seria a última sinfonia de Dvorak baseia-se no modelo sinfônico clássico-romântico e tanto a fartura do seu material melódico quanto o colorido muito rico da orquestração contribuem para sua fácil comunicação. No **Adagio-Allegro molto** inicial, uma frase da trompa, ecoada por clarinetes e oboés se instala como tema principal do movimento e motivo cíclico que aflorará nos outros que virão. Uma de suas melodias principais lembra, curiosamente o **spiritual Swing low, sweet chariot**. No movimento seguinte, um **Largo**, uma bela idéia melódica do corne inglês se espraia sobre as cordas discretas. Posteriormente, ela se transformaria em melodia popular conhecida como **Going Home**. Ao brilhante **Scherzo - Molto vivace**, espécie de festejo popular ou aborígene, segue-se o **Allegro con fuoco** final, de tremenda pompa e de ritmo impetuoso.

Ludwig van Beethoven (1770-1827)

Abertura Prometheus

Sinfonia nº 6 em Fá Maior, Opus 68 - "Pastoral" - Sinfonia nº 7 em Lá Maior, Opus 92

O único balé de Beethoven, **Die Geschöpfe des Prometheus op. 43** (As Criaturas de Prometeu), estreou em Viena com enorme sucesso, em 1801. O libreto do espetáculo, do coreógrafo da corte, o bailarino Salvatore Viganò, tinha tudo para agradar o compositor. Afinal, ele tratava do mito grego de Prometeu - aquele que teve a audácia de modelar na argila seres humanos semelhantes aos deuses, insultando neles o espírito e a vida. E ao roubar o último elemento vital dos deuses, o fogo, a fim de beneficiar a humanidade, Prometeu acabou por ser castigado para sempre: acorrentado a um rochedo, tendo seu fígado bicado por uma águia por toda eternidade. Tons líricos e heróicos foram associados por Beethoven em sua longa partitura, na qual a Abertura, escrita dentro da fórmula lento-vivo, introduz o ouvinte ao espetáculo sob o signo da imponência. Depois da enorme depressão em que mergulhou no ano



**Votorantim.
Um nome que se constrói desde 1918.**

de 1802 - ao tomar consciência, em definitivo, da sua progressiva e irremediável surdez - Beethoven entregou-se ao trabalho com espantosa intensidade, possivelmente como forma de superação desse estado que o levava a escrever o desesperado mais nobre "Testamento de Heiligenstadt". Nasceram, então, suas Sinfonias de número 4 e 5, o Concerto para Violino, o Quarto Concerto para Piano, a Missa em Dó e as primeiras versões da ópera Fidélio. Dentro desse panorama repleto de obras dramáticas, a Sinfonia "Pastoral" destingue-se por sua fisionomia plácida e transparente, apenas enuviada pela "tempestade" de seu penúltimo movimento. Apesar de escrita entre 1806 e 1808, ela já preocupava o autor desde 1802, como provam seus blocos de anotações.

Com a sinfonia "Pastoral", Beethoven conseguiu algo de extraordinário: evocar aspectos da natureza sem contudo rebaixar a música a um papel meramente descritivo. Considerando-a "mais expressão de sentimentos do que pintura", estruturou-a como discurso sonoro autônomo, dentro dos padrões do seu próprio classicismo, fazendo questão de frizar que ela "não é um quadro; aí encontram-se expressas, em nuances particulares, as impressões que o homem goza no campo". O primeiro movimento - **Allegro ma non troppo** - "Despertar de sentimentos alegres à chegada ao campo" é em forma-sonata. O mesmo arquétipo formal norteia o **Andante molto mosso** que vem em seguida e que o autor batizou de "Cena à beira do riacho". O terceiro movimento, **Allegro**, "Alegre reunião de camponeses", é um robusto **Scherzo** com um **Trio** particularmente rústico. A ele se liga um novo **Allegro**, "Trovoada, Tempestade", curto episódio que vive da contraposição de elementos antitéticos que, por sua vez, liga diretamente ao **Allegretto** final, "Canto dos pastores. Sentimentos de contentamento e de reconhecimento após a tempestade", um rondó variado

de atmosfera cativante.

O manuscrito da Sétima Sinfonia data de maio de 1812. Assim, ela foi composta quatro anos depois da "Pastoral". Nesse espaço de tempo, Beethoven escreveu obras importantes - o Trio "Arquiduque", o Concerto "Imperador", a Sonata "Les Adieux" entre tantas outras - e viveu intensamente seus problemas pessoais. Não deixou indicações sobre a "significação" dessa obra monumental. Mas seus ritmos avassaladores levariam Wagner, bem mais tarde, a chamá-la de "Apoteose da Dança". Aplaudida pelo público que ouviu-a na estréia, em dezembro 1813, a Sétima seria entretanto demolida pela crítica tradicionalista, que aí viu, simplesmente, elementos que levavam-na a pensar que seu autor havia mergulhado na mais completa loucura. Presa de seus preconceitos, essa crítica não deixava de ter razão: a Sétima de Beethoven passa-nos, hoje, a imagem de uma genial apoteose da liberdade criativa.

Seu primeiro movimento **Poco sostenuto-Vivace**, contrapõe dois andamentos contrastantes baseados em um mesmo elemento rítmico. À introdução generosamente desenvolvida segue-se o **Allegro** no qual dois temas salientes afirmam o vigor inventivo do mestre. Esse andamento, merecidamente, acaba de forma triunfal. O **Allegretto** que vem em seguida é diversamente magistral: baseado em um ritmo de marcha lenta, faz aflorar dois temas principais altamente cantantes, que Beethoven não cansa de variar timbristicamente. O subsequente **Presto** é, em essência, um Scherzo, possivelmente o mais brilhante escrito pelo compositor. O movimento final, **Allegro com brio**, é um novo andamento em forma-sonata. Seus temas fundantes concretizam talvez não uma apoteose da dança, mas uma apoteose do próprio ritmo, elemento motor de toda música.

SOCIEDADE CULTURA ARTÍSTICA

Luiz Vieira de Carvalho Mesquita	Presidente
José Martins Pinheiro Neto	Vice-Presidente
J. Jota de Moraes	Diretor Artístico
José Luís de Freitas Valle	Diretor Secretário
Fernando Rosa Carramaschi	Diretor Tesoureiro
Carlos Rauscher	Diretor
Gérard Loeb	Diretor
Jayme Sverner	Diretor
João Lara Mesquita	Diretor
José E. Mindlin	Diretor
Gérald Perret	Superintendente

O QUE HÁ DE MAIS PRECIOSO
PODE SER DITO EM POUCAS PALAVRAS.



THE GOLD CARD



Para se associar ao American Express® Gold Card, ligue agora mesmo.

0800 78-1010

*É claro que quando
você diz aos seus amigos
"A casa é sua", isso inclui
Chivas Regal, ou não?*



A vida é para ser vivida.

CHIVAS REGAL



Chivas Regal. Aprecie nossa qualidade com responsabilidade.